



NUNO CAMARINHO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

CONTRA A ANGÚSTIA DA PÁGINA EM BRANCO

Da secura dos textos científicos para os delírios da ficção, as minhas estratégias para começar uma obra.

Quando visito escolas secundárias para falar dos meus livros, há uma pergunta que me fazem com alguma frequência: “A ciência está presente nas suas obras? De que forma?”

A resposta chega sempre após alguma hesitação – sim, não, mais ou menos. Não há na verdade grandes temas científicos que sejam explorados ao longo dos meus livros, pelo menos por enquanto, mas há qualquer coisa que transita do exercício científico para o literário.

Quem já escreveu uma tese de mestrado ou de doutoramento sabe que o mais sensato é começar pelo índice, dividindo o trabalho por partes, capítulos e subcapítulos. Fica-se assim com uma ideia dos conteúdos a apresentar, da sua organização e da extensão dos mesmos. Depois é “só” preencher os espaços.

A mesma estratégia é aplicada a artigos científicos (introdução, parte experimental, resultados, discussão, conclusão) e até aos inúmeros concursos e projetos em que um cientista vai participando ao longo da sua carreira.

Pois é exatamente esse método (com as devidas adaptações) que eu costumo utilizar na preparação dos meus livros. Uma vez definido o tema e uma ou várias histórias que quero tratar, tento encontrar uma estrutura (um esqueleto, se preferirem) que me ajude a dar coesão à narrativa, embora garantindo toda a liberdade própria da escrita literária.

Em *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*, o meu primeiro

livro, existe um acontecimento central – a passagem de dois cometas pelo planeta Terra no ano de 1910, três personagens cujos capítulos se vão alternando e cinco partes que correspondem às dinâmicas internas das personagens – Exórdio, Confronto, Acerto, Assombro e Fecho.

No segundo livro, *Debaixo de Algum Céu*, defini um espaço físico – um prédio com sete apartamentos, e um intervalo temporal de oito dias, entre o Natal e o Ano Novo, e cada dia é um capítulo.

Em *Se Eu Fosse Chão*, o meu terceiro livro, que acaba de ser publicado, a ação passa-se inteiramente num hotel, cada conto é um quarto e cada piso do hotel corresponde a um ano diferente (1928, 1956 e 2015). O livro é o hotel e as personagens são os seus hóspedes e empregados.

Cada autor tem as suas estratégias e não há receitas que se possam emprestar com garantias de sucesso. Há quem comece sem qualquer estrutura pensada e faça livros maravilhosos, há quem tenha uma estrutura tão rígida que a história e as personagens acabam por ficar manietadas, sem qualquer espaço de manobra ou de crescimento.

Por enquanto vou aplicando o que aprendi enquanto cientista, mas, como qualquer cientista, também estou preparado para adaptar o método se os resultados começarem a falhar.